



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Bons Rebeldes

Daniel Sousa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Cinema
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Manuela Penafria

Covilhã, Outubro de 2013

Índice

Introdução.....	1
Sinopse.....	2
A construção e exposição das ideias.....	3
Outras considerações.....	11
Ficha Técnica.....	12
Estratégia de divulgação	14
Referências Bibliográficas.....	15
Filmografia.....	16

Lista de Figuras

Figura 1: À esquerda um frame do filme “O guia de cinema do depravado” de Slavoj Zizek e à direita um frame do início do documentário Bons Rebeldes.	4
Figura 2: A terceira e última imagem utilizada no overlapping.	7
Figura 3: A Desertuna interpretando a música Adamastor composta por Rodrigo Raposo.	8
Figura 4: A entrevista feita ao caloiro e onde se vê a sua boa disposição e orgulho em pertencer à tuna.	9
Figura 5: Início dos créditos do filme.....	10

Lista de Acrónimos

UBI Universidade da Beira Interior

Introdução

Ao longo da minha vida académica participei em diversas atividades realizadas pela tuna a que pertencço e como aluno de cinema tornou-se cada vez mais imperioso documentar em vídeo o que acontecia. Os aspetos que tornavam único aquele estilo de vida, qual a sua importância social e a sua história.

A origem das tunas, até pouco tempo, não passava de um conjunto de estórias mitológicas contadas pelas mesas dos cafés. Não havia nenhum estudo profundo sobre o tema quer escrito quer visual. Não havia uma identidade “cimentada” para além do passado recente. O surgimento do livro *QVID TUNAE?*¹, fruto de uma intensa pesquisa de arquivo de quatro autores, trouxe à luz do dia fatos incontornáveis desta cultura e “nasceu” se assim se quiser chamar, o passado das tunas, a sua origem.

Aliado à fraca bibliografia alusiva ao tema estava a documentação cinematográfica. Em Portugal, principalmente, as incursões por este estilo de vida são muito raras. O filme *Capas Negras*² de Armando Miranda é uma das exceções à regra por conseguir ilustrar as vivências da vida académica de forma sóbria e clara, e dentro dessas as tunas. Aparte alguns filmes da cinematografia espanhola³, apenas de forma breve e muitas vezes sarcasticamente, é abordada esta temática.

As tunas são um dos movimentos culturais Ibero-americanos mais interessantes das últimas décadas e sobre o qual muito pouco tem sido feito para dar a conhecer e compreender. Há uma desacreditação social pelo seu estilo de vida boémio e descomprometido mas as tunas são muito mais do que aquilo que é visto pelas ruas.

Este filme nasce da necessidade etnográfica da comunidade tunante em conhecer a sua história.

1. Este livro é fruto do trabalho conjunto de quatro autores: Eduardo Coelho, Jean Pierre Silva, João Paulo Sousa e Ricardo Tavares. Foi lançado em 2012 e é considerado um dos melhores e mais abrangentes estudos culturais sobre as tunas.

2. O filme *Capas Negras* lançado em 1947 foi um dos sucessos de bilheteira do cinema português. Na última cena a personagem Maria de Lisboa, interpretada por Amália Rodrigues é liberta graças a ajuda de uma tuna Coimbrã.

3. Alguns dos filmes mais importantes são: *Tuno Negro* em 2001, *La casa de la Troya* em 1924, *Pasa la Tuna* em 1959 e *A la pálida luz de la luna* em 1985.

Assumidamente um ponto de vista pessoal, este filme começa e avança através das minhas vivências enquanto tuno. A câmara mostra, por assim dizer, algumas das memórias que guardo da vida tunante.

A curta-metragem *Bons Rebeldes* documenta não só a história e comportamentos das tunas mas também a sua identidade. O uso do cinema direto deixa transparecer um olhar interno sobre o trabalho das tunas desde os seus ensaios até à sua apresentação pública. O filme é a construção fílmica sobre uma construção musical e social.

Dois narradores distintos intervém pontualmente fazendo avançar a ação do documentário. O filme começa com uma história pessoal contada por um narrador intimista e que, ao longo de todo o filme, vai surgindo mostrando um lado mais emocional.

O segundo narrador desapegado emocionalmente vai enumerando as diversas ações das tunas e descortinando as situações mostradas.

Para além da apresentação discursiva com todos os seus cânones literários e onde é narrada a história tunante e as suas tradições desde há séculos atrás, existe a apresentação paralela de imagens que vão dando a conhecer o trabalho diário que é feito por estes agrupamentos.

Sinopse

Sem regras ou linhas de orientação as tunas invocam o romantismo de outras épocas e são um dos movimentos culturais mais importantes da península Ibérica e de alguns países da América Latina. Nas últimas décadas este fenómeno cresceu exponencialmente mas apesar disso pouco tem sido feito para dar a conhecer e compreender. Há uma desacreditação social pelo seu estilo de vida boémio e descomprometido, mas as tunas são muito mais do que aquilo que vemos pelas ruas e palcos e este documentário é reflexo desse trabalho.

A construção e exposição das ideias

O filme começa apenas com o som da minha própria voz, não há imagens. Nesse prólogo conto as dificuldades que tive quando comecei a estudar cinema e o modo como a tuna me ajudou a ultrapassar esses problemas. Não utilizo imagens porque durante a projeção do filme a sala está escura e os espectadores estão muito mais atentos. A narração terá, desta forma, maior absorção por ser o início e nada roubar a atenção do som que se ouve nesse momento.

Tal como no início do filme “O Cavalo de Turim” julgo que a narração inicial marca, de certo modo, todas as imagens que são apresentadas a seguir. É uma premissa estabelecida imediatamente para dar a conhecer um modo de pensar e agir diferente.

Se existem dificuldades na escrita de uma narração para voz off mais dificuldades existem em fazê-la funcionar como a imaginamos quando escrevemos. Um dos maiores problemas foi, sem dúvida, tentar gravar a minha própria voz tal como ela existia na minha cabeça quando escrevi o guião.

Também as gravações da segunda voz off trouxeram dificuldades diversas. Não por ser uma voz diferente da que tinha pensado mas por ser a voz de um ator habituado a fazer teatro. O tom coloquial era muitas vezes usado sem intenção de tão enraizado que está no seu modo de contracenar. Outro dos problemas prendeu-se com a fluidez entre frases. Por serem repetidas várias vezes houve momentos em que se perdia a ligação tonal entre umas e outras.

As primeiras imagens introduzem-nos num espaço específico não deixando margens para dúvidas que a ação acontece em Lisboa. A primeira razão vem da necessidade de que este trabalho deva abranger geograficamente diferentes espaços e, conseqüentemente, diversos modos de interpretar o que é uma tuna. A segunda razão prende-se com o fato de que as primeiras imagens mostradas são de um carro elétrico que atravessa em frente à câmara.

Slavoj Žižek apresenta no filme “O guia de Cinema do Depravado” a ideia de um comboio que passa em frente à personagem criando assim uma segunda projeção de um filme, ou seja, um filme dentro de um filme. Neste caso não se trata propriamente de criar outra narrativa dentro do documentário mas fazer um paralelo entre os frames que começaram a surgir e as janelas do elétrico que passam com os seus “quadros” realistas. Estes “quadros” quotidianos da vida lisboeta começam assim a cimentar a realidade procurada em todo o filme.



Figura 1: À esquerda um frame do filme “O guia de cinema do depravado” de Slavoj Žižek e à direita um frame do início do documentário Bons Rebeldes.

Quando acaba de passar o elétrico conseguimos ver e ouvir uma tuna do outro lado da rua, afastada pelo trânsito. Cantam “Cheira bem, cheira a Lisboa” nesse momento. Após alguns versos é feito um jump cut visual em que a música continua mas a tuna surge noutra rua da cidade.

Esta tuna toca pelas ruas tentando angariar algum dinheiro para novos instrumentos e viagens.

O plano seguinte mostra uma mulher vestida com o traje académico e a característica pandeireta ornamentada com fitas. Ouvem-se duas jovens falando sobre um possível documentário. Na imagem seguinte vemos duas raparigas junto a um grelhador assando bifanas e usam o traje académico também. Esta situação poderá não ser surpresa em Portugal mas será uma cena estranha noutros países do mundo onde não conheçam as tunas. A ligação entre aquela vestimenta e os grelhados será vista como caricata, talvez. Este filme é direcionado a dois públicos alvo. A todos as pessoas que pertençam ou simpatizem com tunas e o público que desconheça por completo a existência deste estilo de vida universitário. Esta cena serve o propósito de despertar o interesse do segundo público, essencialmente.

Continuamos a ouvir a conversa das duas raparigas sobre o possível documentário e é então que a câmara desce mostrando outras duas raparigas sentadas próximo e falando alegremente. Procuo com esta pequena sequência mostrar o ambiente vivido no seio

das tunas introduzindo assim o traje acadêmico feminino, a boa disposição e algumas das atividades que acontecem durante o convívio entre tunas.

Aqui a conversa entre ambas as raparigas introduz o cinema documental como tema e a noção de que este documentário estava a ser feito naquele momento.

O plano seguinte mostra um grupo de tunos tocando e cantando descontraidamente. A voz off surge introduzindo o tema do filme a aqueles que o desconheçam por completo e justificando, em parte, o porquê da sua realização.

As imagens seguintes mostram diversos ambientes com diferentes grupos de outros tunos e simpatizantes.

“Em todas as almas, como em todas as casas, além da fachada há um interior escondido.”

Raul Brandão

Após a introdução temática e da contextualização histórica das últimas décadas a frase de Raul Brandão vem trazer alguma estranheza mas ao mesmo tempo curiosidade. O som de fundo não é diegético e acompanha algumas fachadas dos edifícios da UBI. De seguida é feito um salto espacial para o interior das instalações onde se pode ver uma tuna a aquecer as vozes, o som torna-se diegético. Este salto leva-nos diretamente para dentro do ambiente das tunas.

É neste momento que são mostradas imagens pouco comuns das atividades das tunas, os seus ensaios.

Existe um aspeto importante para um documentarista quando precisa de abordar um tema que envolva pessoas. Ele deve primeiro inserir-se dentro da realidade social que quer documentar e conhece-la. Isso facilitará o aprofundar do tema e a ambientação das pessoas à câmara! Principalmente este último aspeto trouxe problemas quando filmava algumas tunas. Sendo grupos “bairristas” tendem a fechar-se quando alguém exterior os quer conhecer.

Grande parte dos momentos apresentados foram filmados após um longo processo de aproximação. Outras imagens são mais “furtivas” pelo mesmo fato e também para que não houvesse encenação.

Desse momento passamos para um momento mais descontraído em que uma tuna toca livremente num ambiente festivo. O momento é representativo do seu espírito, da sua liberdade e da sua constante boa disposição.

Filmar este tipo de momentos foi fácil e difícil simultaneamente. Fácil porque simplesmente as coisas aconteciam em frente à câmara muitas vezes, bastava estar ligada. Foi complicado em muitos outros porque os elementos das tunas, tal como quaisquer outras pessoas tendem a

encenar as suas ações quando sabem que a câmara esta ligada. Esses momentos mais artificiais não só davam uma falsa realidade como surgiam estranhos naquele ambiente festivo. Muitos foram os planos excluídos da edição final por essa razão.

A transição desse momento é feita para a janela de um autocarro onde se vê simultaneamente uma paisagem vasta e o reflexo de um tuno que segue dentro do autocarro tocando o seu bandolim, “esquecido” no seu mundo. O plano seguinte mostra uma paisagem semelhante mas sem o reflexo de ninguém no vidro. Ouvimos uma conversa entre tunos sobre um outro elemento e a sua participação nas atividades do grupo.

Mostrar a paisagem que era vista da janela do carro em vez do interior do carro onde a conversa acontecia serviu o propósito de fugir aos lugares comuns em que a imagem confirma o que é dito.

Continuando a apresentação de imagens pouco habituais vemos uma tuna fazendo check sound numa sala de espetáculo vazia. Conhecemos a sua atividade de bastidores que poucos sabem existir. Esse trabalho consome, por vezes, mais tempo que o espetáculo em si. Com esses planos dou importância à preparação do espetáculo ao mesmo tempo que o narrador vai explicando mais aprofundadamente o conceito musical que caracteriza as tunas. A componente pedagógica está sempre presente.

De um palco passamos a outro mas desta vez durante um espetáculo onde vemos um porta-estandarte dançando. O local, o momento e a tuna são diferentes, as imagens seguem aquilo que é dito pelo narrador.

Nesta altura e homenageando um filme do Novo Cinema, *Belarmino*, ouvimos um excerto de uma atuação onde é cantada uma das músicas utilizadas no filme de Fernando Lopes, *Sabor a Mí*. Em ambos os casos a música também surge sensivelmente a meio do filme.

A parte histórica é o momento em que a imagem segue rigorosamente aquilo que é dito pelo narrador. As imagens, quase todas fotografias antigas ou ilustrações, são apresentadas a preto e branco lembrando os primeiros filmes sem cor.



Figura 2: A terceira e última imagem utilizada no overlapping.

Nesta altura é feito o overlapping. O narrador começa as frases da mesma maneira três vezes dizendo: “Se tivéssemos passado aqui...” Enquanto isso acontece as imagens apresentadas são do mesmo elemento mas de ângulos diferentes. O início da frase foi “roubado” do modo como muitas vezes José Saramago se exprimia explorando um determinado assunto até à exaustão. O overlapping surge aqui cumprindo duas funções. Primeiramente responde ao desafio feito pelos professores no início do trabalho tornando-o mais rico narrativamente e por outro consegue homenagear um dos escritores que mais admiro.

A ideia que imediatamente surgiu para a realização do overlapping foi a utilização de diversas filmagens de ensaios onde se repetissem as mesmas ações mas a ideia pareceu-me demasiadamente óbvia para este filme. Acho que aquilo que no início surgiu quase como um entrave na criação do filme revelou-se interessante pelo modo como enriqueceu todo o conjunto trazendo influências literárias para a construção do documentário.

Terminando a parte mais histórica são mostradas imagens de uma tuna durante a organização de um espetáculo. Uma vez mais é mostrado o trabalho de bastidores que muitas tunas fazem para realizarem alguns eventos. Tal como no cinema não basta chegar a um sítio e tocar/filmar tem de haver algum trabalho antes que tal aconteça.

Incluído nessa pré-produção surgem as praxes de tuna. São apresentados alguns dos motivos para a existência das praxes no seio destes grupos.

Principalmente nesta cena apercebemo-nos que foi um momento oportuno que surgiu para filmar, que nada ali foi encenado. Foi preciso correr e enquadrar novamente para ouvir melhor. Pelo fato de pertencer a uma tuna e estar a usar o traje que muitas dificuldades trás para operar uma câmara fui forçado, nesse instante, a pousar a capa no chão. Todo o processo de captação de imagens foi aqui exposto. Infelizmente o registo não tem a melhor qualidade possível mas optei por usa-la por todo o seu conteúdo.

O nervosismo e os últimos detalhes de uma atuação são mostrados. Além desta ser um modo de vida pouco conhecido em Portugal na sua globalidade e desconhecido em muitos países, mesmo entre os seguidores das tunas muitos desconhecem estas realidades de bastidores. O cinema deve mostrar novos olhares sobre o mundo e o ser humano e este filme é um exemplo disso ao mostrar uma sub cultura Ibérica que se espalhou aos poucos pelo mundo.



Figura 3: A Desertuna interpretando a música Adamastor composta por Rodrigo Raposo.

O filme segue com performance da minha tuna interpretando a música “Adamastor”. Esta música tem a particularidade de ser encenada e falar da história portuguesa, primeiro em latim depois em português. A determinada altura é recriada uma nau utilizando somente os estandartes e elementos da tuna. É o mundo imaginário de cada um que aqui é evocado para deslindar aquela formação em palco, é um espetáculo dentre de outro que é o cinema, uma ficção dentro de um documentário.

Ainda não terminou a música e já a imagem é de outro momento. Não há grande margem para esquecer o olhar interno do realizador. Em todos os momentos a câmara reflete o meu próprio olhar.

Já quase no fim do filme vemos ser tocada a música que nos primeiros minutos era repetida exaustivamente nos ensaios. Começa assim a fechar-se um ciclo.

A única entrevista existente em todo o filme é feita a um caloiro da tuna a que pertenço. Se no início falo da minha entrada na faculdade, este filme representa a minha saída. Uma nova geração de elementos existe e dará seguimento ao trabalho feito até aqui. O espírito tunante está presente no modo como fala da primeira vez que foi a um ensaio, o sorriso é genuíno, não há encenações.



Figura 4: A entrevista feita ao caloiro e onde se vê a sua boa disposição e orgulho em pertencer à tuna.

O filme avança para o fim com a vista do interior de um carro em trânsito e a discussão de alguns tunos sobre um vídeo necessário para a sua promoção. Aqui o seu desejo acaba por ser a sua própria realização.

O filme termina com um tuno a ensaiar sozinho numa sala. Passam os créditos do filme mas ele continua lá tocando como continuarão as tunas.

“Nada é para sempre, dizemos, mas há momentos que parecem ficar suspensos, pairando sobre o fluir inexorável do tempo (...).” José Saramago.



Figura 5: Início dos créditos do filme.

O título surge no fim do filme como uma espécie de resumo de tudo o que foi apresentado. Coloca-lo no início seria definir imediatamente uma realidade que precisava, no meu entender, de ser descoberta aos poucos.

Outras considerações

O nome Bons Rebeldes surge do modo como são vistas as tunas. A rebeldia da juventude e a juventude dos mais velhos reflete-se nas suas músicas e nos seus atos quer seja um evento académico quer seja uma apresentação a altas entidades sociais.

Outra das razões prende-se com o filme “O bom rebelde” em que a personagem Will, representada por Matt Damon, apresenta grandes dificuldades em deixar para trás o seu grupo de amigos e seguir a sua vida mesmo que seja prejudicado. Não são raros os casos de estudantes, tunos ou não, que chumbam um ano para poderem disfrutar da vida académica por mais uns meses. Será, se assim se quiser entender, o Síndrome de Peter Pan que aqui tem especial relevo. Não se trata de crianças que não querem crescer mas de jovens adultos que atrasam a sua entrada no mercado de trabalho, a tomada de responsabilidades sociais mais duras.

Muitas ideias surgiram e desapareceram durante a criação do filme. As influências são muitas e variadas fazendo com que, por vezes, seja difícil manter-me fiel a um estilo de realização, edição ou escrita. Não houve uma fórmula concreta e definida para a conceção deste filme, houve várias que se foram misturando e cumprindo aquilo que considere necessário mostrar no filme.

Ficha Técnica

Argumento, realização e edição

Daniel Sousa

Produção

Universidade da Beira Interior

Apoio

Instituto do Cinema e do Audiovisual

Captação de Som da Voz Off

Tiago Fernandes

Voz Off

Pedro Damião

Recolha de imagens

Daniel Sousa

Ricardo Guimarães

João Pedro Jesus

Músicas

“Cheira bem, cheira a Lisboa”

Letra: César de Oliveira

Música: Carlos Dias

Interpretação: T.A.F.U.L.

“Czardas”

Música: Vittorio Monti

Interpretação: Desertuna

“Sabor a Mi”

Música: Luís Miguel

Interpretação: T.A.U.L.F

“Concerto para dois Bandolins”

Música: Vivaldi

Interpretação: Azeituna

“Adamastor”

Letra: Rodrigo Raposo

Música: Rodrigo Raposo

Interpretação: Desertuna

“Balada do Desajeitado”

Música: Quadrilha

Interpretação: Desertuna

Estratégia de divulgação

Como referi antes este filme tem como público alvo todos aqueles que pertencem e simpatizam com as tunas e o público que as desconhece por completo. Assim sendo farei um levantamento de tudo o que é dito e farei as legendas em língua inglesa e espanhola. Sendo Espanha um dos países onde as tunas tem mais impacto será pertinente a aposta nessa língua.

Quando o documentário estiver legendado será enviado para vários festivais à volta do mundo procurando por aqueles que apostem no cinema jovem, feito por alunos, dedicado à música e ou à etnografia.

Brevemente será lançado o trailer na página do Facebook do projeto.

Havendo oportunidades também será exibido paralelamente em festivais de tunas, ciclos de cinema e mostras de trabalhos sobre a temática do filme.

Referências Bibliográficas

“*QVID TUNAE? - A Tuna Estudantil em Portugal*” - Eduardo Coelho, Jean-Pierre Silva, Ricardo Tavares e João Paulo Sous, 2012

“*Tunas do Marão*”- Alberto Sardinha, *Tinta da China*, 1998

Filmografia

É no céu não é na lua - Gonçalo Tocha, 2011
Buena Vista Social Club - Wim Wenders, 1999
Capas negras - Armando de Miranda, 1947
A la pálida luz de la luna, 1985
Exit through the gift shop - Banksy, 2010
Tuno Negro - Pedro L. Barbero e Vicente J. Martín, 2001
Rasganço - Raquel Freire, 2001
Um Funeral à Chuva - Telmo Martins, 2010
Ainda há pastores - Jorge Pelicano, 2006
Praxis - Bruno Moraes Cabral, 2011
La casa de la Troya, 1924
Pasa la Tuna, 1959
A la pálida luz de la luna, 1985